

MODELOS TEÓRICOS E DESCRIÇÕES APLICADAS: IMAGENS DE SOBERANOS NA CRONÍSTICA IBÉRICA DE INSPIRAÇÃO AFONSINA (SÉCS. XIII-XIV)

ISABEL DE BARROS DIAS
Universidade Aberta

A cronística ibérica dos sécs. XIII e XIV, tanto a originária do *scriptorium* afonsino¹, como a que decorreu desses primeiros textos em língua vernácula², integra no seu discurso elementos de teor e de origem diversificados. Entre estes, é possível isolar determinados excertos, regra geral, veiculados nos discursos que alguns reis moribundos dirigem aos seus sucessores e que podemos entender como pequenos “espelhos de príncipes”.

Não se encontrando as admoestações ausentes dos textos afonsinos, nota-se, no entanto, uma maior densidade de momentos de aconselhamento teórico em crónicas um pouco

¹ Referimo-nos, em particular, à *Estoria de Espanna*. Para esta obra foi aqui considerada a versão editada por Ramón Menéndez Pidal como *Primera Crónica General de España*, Madrid, Gredos, 1977 (daqui em diante **PCG**). Saliente-se, no entanto, que esta edição se baseou em dois manuscritos compósitos onde intervieram diversas mãos em épocas distintas. No entanto, o seu trecho inicial (até ao cap. 616) consiste na “versão régia” afonsina, ou seja, o texto aprovado pelo soberano como “oficial” aquando da redacção da primeira versão da *Estoria de Espanna*. Cabe ainda referir que, actualmente, a crítica reconhece duas versões afonsinas principais da *Estoria de Espanna*, a “versão primitiva” (cerca 1270-74) e a “versão crítica” (cerca 1282-84) texto de que é testemunho, em grande parte, a denominada *Crónica de Veinte Reyes* (um texto transcrito por José Manuel Ruiz Asencio e Mauricio Herrero Jiménez, Burgos, Ayuntamiento de Burgos, 1991 — daqui em diante **Cr20R**). Estas duas versões foram posteriormente combinadas das mais variadas formas, abreviadas, ampliadas, adaptadas, traduzidas e entrecruzadas com novas fontes ou com trechos de fontes já usadas mas anteriormente desprezados, dando origem a uma família textual enorme e extremamente complexa. Sobre estas questões ver Diego Catalán, *De Alfonso X al conde de Barcelos*, Madrid, Gredos, 1962 e, mais recentemente, *idem*, *De la silva textual al taller historiográfico alfonsi — Códices, crónicas, versiones y cuadernos de trabajo*, Madrid, Fundación Ramón Menéndez Pidal / Universidad Autónoma de Madrid, 1997 e *idem*, *La Estoria de España de Alfonso X – creación y evolución*, Madrid, Fundación Ramón Menéndez Pidal / Universidad Autónoma de Madrid, 1992. Ver ainda Inés Fernández-Ordóñez, *Versión Crítica de la Estoria de España*, Madrid, Fundación Ramón Menéndez Pidal / Universidad Autónoma de Madrid, 1993, bem como a útil síntese: *idem*, “La transmisión textual de la “Estoria de España” y de las principales “Crónicas” de ellas derivadas”, *Alfonso X el Sabio y las Crónicas de España*, Valladolid: Fundación Santander Central Hispano / Centro para la Edición de los Clásicos Españoles, 2000, pp. 219-260.

² No que se refere aos textos pós-afonsinos, este estudo teve em consideração, particularmente, os produzidos no ocidente peninsular: a *Tradução Galega* (editada por Ramón Lorenzo: *La Traducción Gallega de la Cronica General y de la Cronica de Castilla*, Orense, Instituto de Estudios Orensanos “Padre Feijoo”, 1975 — daqui em diante **Trad.Gall**) e as duas redacções da portuguesa *Crónica de 1344*. A primeira redacção (daqui em diante **1344a**), que subsiste na sua tradução castelhana, no ms. 2656 da Biblioteca Universitária de Salamanca, foi parcialmente editada por Diego Catalán e Maria Soledad de Andrés: *I Edición Crítica del Texto Español de la Crónica de 1344 que ordenó el Conde de Barcelos don Pedro Alfonso*, Madrid, Gredos, 1970. A segunda redacção (daqui em diante **1344b**) foi editada por Luís Filipe Lindley Cintra: *Crónica Geral de Espanha de 1344*, Lisboa, I.N.-C.M., 1951-1990.

mais tardias, como a *Crónica Particular de San Fernando* que, habitualmente, é usada como trecho final destas histórias³, ou, sobretudo, a segunda redacção da portuguesa *Crónica de 1344*.

Como exemplo, podemos referir as recomendações que o rei Teudorigo dá ao seu neto Amalarigo quando decide que este já poderá tomar a seu cargo o reino das Espanhas, cuja defesa e manutenção assumira, desde a morte do genro, em detrimento do seu próprio reino, na Itália. Na *Estoria de Espanna* encontra-se uma breve anotação na qual o velho rei aconselha o neto a manter sempre boas relações com Roma e com o seu Imperador⁴. Na segunda redacção da *Crónica de 1344*, o trecho é completamente modificado, expandindo-se numa série de sugestões genéricas acerca do comportamento do bom soberano:

— Meu filho, vos sodes em tal ydade que ja saberedes reger reyno; e porẽ eu querovos dar os reynos que foron de vosso padre. E comprevo saber as condições que deve aver o rey: ca o rey deve seer sabedor, franco, liberal e nobre de coraçom; deve de seer bem acostumado, temperado e ygual a todos, justo e boo governador e seer sem cobiiça senom de honrra e de senhorio e seer de muy boo conselho e muy forte e esforçado ã nas batalhas e amador do seu poboo e acrescentador de sua terra. Porẽ vos rogo, meu filho, que aprendades esto que vos digo e que ajades sempre ã vosso conselho homẽes de boas conciẽcias e sabedores e fidalgos e boos conselheiros e de grandes corações, ca taaes compre ao rey aver em seu conselho, por que, quando lhes demandar conselho em os grandes feitos, que lho possam e saybam dar. Nunca cheguedes a vos e a vosso conselho homẽes de baixo sangue e vyl condiçom, ca taaes como estes nom ham bõo conselho em feyto d'armas nem som pera grandes feytos, ca estes nõ sabem conselhar os reys senom ã tirãya do poboo e desavenças dos fidalgos e todos maaos costumes e esto por fazerem de sy grandes e ricos, a qual cousa elles nõ ham de sua natureza; ca nom pode o rey aver mais perigosos ãmigos que maaos conselheiros. Grande myngua he ao rey cõversar com homẽes viis. E porende vos, meu filho, regeevos segundo o que vos hey devysado. E prezade e hõrrade os fidalgos. E amade e regede bem os pobooos. E a todos geeralmente fazedereyto e justiça e assy seeredes amado e temudo. Outrossy vos mando que amedes sempre o senado e o poboo de Roma e que ajades por amygo o emperador (1344b: II, 168-69).

³ A *Crónica Particular de San Fernando* narra os acontecimentos ocorridos durante o reinado de Fernando III, referindo os últimos conselhos deste rei: “Luego, primeramente, fizo açercar a sí a don Alfonso, su fijo, e alçó la mano e santiguólo, e dióle su bendición, e des y a todos los otros sus fijos; e rogó a don Alfonso que allegase a sua hermanos a sy, e los criase e los mantouiese bien, e los leuase adelante quanto podiese sienpre. E rrogóle por la rreyna, que la touiese por madre, e que la onrrase e la mantouiese siempre a su honrra commo a rreyna conuenía. E rrogóle por don Alfonso, su hermano, de Molina, e por los otros hermanos e hermanas que él avía, e por todos los rricos omnes de sus rreynos e por los caualleros, que los onrrase e los fiziesse siempre algo de merced, e se mantouiesse bien con ellos, e los guardase bien sus fueros e sus franquizas e sus libertades, e a todos sus pueblos. E sy todo esto que le él encomendaua cumpliese e lo fiziesse asy, que la su bendición cumplida oviese, e sy non, la su maldición, e fizole rresponder «amen».” (Cr20R: 347b).

⁴ “pues que el rey Theoderigo uio que Amalarigo su nieto era llegado a edad pora mantener quel regno de las Espannas que el tenie por el, diogele, et fizol ende rey et señor et quel ouiesse entrell et su fija desse Theoderigo en toda su uida. [...]. Et coniurolos el rey muy fuert e mandoles por mandamientos que amassen siempre al senado et al pueblo de Roma, et que punnassen de auer por amigo all emperador quanto ellos mas pudiesen. Pues que esto les ouo dicho, tornosse el pora tierra de Italia.” (PCG: I, 250 - cap. 443). Esta cena é omitida na 1344a (cuja história Antiga se afasta da das fontes afonsinas) bem como na Cr20R e na Trad. Gall cujas narrativas se iniciam em épocas posteriores.

O mesmo sucede com uma interpolação às cenas da divisão dos reinos por parte de Fernando I. Neste ponto da narrativa, a “versão crítica” / *Crónica de Veinte Reyes* (IV Parte, livro VIII, cap. xiiii a xvii), acentua a maldição que o rei brande, no caso dos filhos irem contra a divisão estipulada, refere os limites dos reinos dados e louva os seus povos. O texto editado como *Primera Crónica General de España* que, neste momento, segue a “versão amplificada de 1289”⁵, apresenta um texto semelhante e a *Tradução Galega* procede ao seu resumo. O manuscrito de Salamanca da primeira redacção da *Crónica de 1344* encontra-se razoavelmente danificado nesta passagem. No entanto, consegue-se perceber que já apresenta um texto que aponta para o que na segunda redacção desta crónica será expandido⁶. Nesta sequência, a segunda redacção da *Crónica de 1344*, apesar de resumir a restante matéria, integra diversos conselhos do velho rei moribundo aos filhos:

— A vos, dom Sancho, fica o reino de Castella e a vos, dom Affonso, o de Leão e a vos, dom García, o de Galliza com o que eu ey gaanhado de Portugal. Porẽ vos rogo, meus filhos, que sempre vos ajades bem cõ os fidalgos das vossas terras, fazendolhes sempre bem e mercee, e otrossi a todollos outros homẽes que vollo forem demãdar, ca nõ cõvem aos reis seer de avarẽtos corações. E esto meesmo fazede aos pobres das vossas villas e cidades. Amade os vossos poboos nõ lhes fazendo sem razon, ca todos me serviron mui bẽ e ajudarõ a guanhar a terra que a vos outros fica. Seede sesudos e temperados, muy sofrudos e esforçados nas batalhas, e muy francos em partyr vosso aver. Seede mesurados e de boa palavra e bem recebentes. Honrrade os estrãjeiros. Seede muy verdadeiros, castos e temperados e fiees catholicos, filhos obedientes na santa fe do Nosso Senhor Jhesu Cristo. Deffendede bem vossos reinos aos mouros e tomade os seus. E amadevos todos tres e avede paz e cõcordia (1344b: III, 346-7).

Um terceiro exemplo consiste no discurso que o conde D. Henrique moribundo dirige ao seu jovem filho, Afonso Henriques. Estes conselhos já surgem na “versão crítica” da *Estoria de Espanna*⁷ mas têm um desenvolvimento ligeiramente maior na segunda redacção da *Crónica de 1344*:

⁵ Os cap. 812-13 da PCG integram-se no ms. do séc. XIII (E2c) que segue a “versão amplificada de 1289” e que vai de Ramiro I até ao ano 25º de Afonso VI, segundo Inés Fernández Ordóñez, *op. cit.* (2000), p. 243.

⁶ 1344a – cap. 369. Apesar do mau estado do texto é possível ler trechos e expressões que já remetem para o que se encontra na segunda redacção desta obra, caso de: “Et dixo a sus fijos a don sancho a vos finca el rreyno de castilla a don alfon a vos finca el rreyno de leon e don garcia a vos finca el rreyño de gallitia con todo lo al gané en portogal e pora ...so rreÿne ... cada uno fagades a vros [= vuestros?] cavalleros et alos hombres(?) ...eños et alos vros [=vuestros?] fydalgos delas vras [= vuestras?] vrosos [vuestros?] rreynõsere dre quando vos lo fuere a demandar et esso mesmo alos pueblos de las vras [=vuestras?] villas et cibdades de..d.. no de vos ca todos me fizieran(?) muy bien et me ayudaron a gañar mujas villas et mÿjos castillos a de vos enlos rreynos vos fincan et ellos dixeron q ansi lo fuzrjan” (f.216r a-b).

⁷ “E quando ouo de morir llamó su fijo don Alfonso Enrique e díxole: «Fijo, rruégote que non pierdas vn palmo desta tierra que te yo dexo, desde aquí desta villa d’Astorga fasta allende Coynbria, ca yo la gané con grand cuyta e con grand trabajo. E, fijo, toma alguna cosa del mi coraçón porque seas esforçado, e consçjote que seas siempre compañero a fijosdalgo, e dales todas sus soldadas bien paradas a los conçejos. Otrosy fazles onrra, e que ayan todos sus derechos, tan bien los chicos commo los grandes. Por ruego nin por cobdiçia non deseas de fazer justicia, casy vn día tanto dexares commo

— Filho, toda a terra que eu leixo, que he des Estorga ataa Leõ e ataa Coimbra, non percas della nẽ hũa cousa, ca eu a tomei cõ muyto trabalho. Filho, toma esforço do meu coraçõ e sey semelhavei a m̃y. E sey companheiro aos fidalgos e dalhes todos seus dereitos. E aos cõcelhos fazelhes hõrra. E faze de guisa que todos ajam dereyto, assy os grandes como os pequenos, e por rogo nẽ por cobiiçã, nõ leixes de fazer justiça. E porem, meu filho, sempre em teu coraçõ ama justiça, ca o dia que a leixares de fazer hũu palmo, logo o outro dia ella se afastará de ty hũa braça. E porem, meu filho, am a justiça e averas a bençõ de Deus e a graça e bemquerença das gentes. E non consentas os teus homẽs seer sobervosos e atrevidos em mal fazer nem façam força a nehũu, ca perderias o teu boo preço se taaes cousas nõ castigasses. (1344b: IV, 215-216)

120

Os “regimentos de príncipes” existem desde a mais remota antiguidade e, enquanto forma textual autónoma, tiveram uma boa difusão, sendo de salientar, a partir dos sécs. XIII-XIV, o sucesso da obra de Egídio Romano (c. 1243 – 1316), o *De regimine principum* (c. 1287). Sabe-se que esta obra era conhecida em Espanha, já no séc. XIV, não só porque foi traduzida para o castelhano e comentada por Frei Juan García de Castrojeriz, cerca de 1344, mas também por causa da sua influência em autores castelhanos, o que é visível, nomeadamente, numa reelaboração dos *Castigos del rey don Sancho IV* ou em don Juan Manuel, que lhe faz uma referência explícita, em data anterior à da sua tradução⁸.

Os “espelhos de príncipes” são *ars vivendi* que se caracterizam por apresentar retratos estereotipados, baseados na enumeração das qualidades e dos deveres do soberano ideal. Os excertos que encontramos nas crónicas distinguem-se, à partida, pela sua inserção em outra forma textual, a historiografia, que, nesta época, apresenta um marcado pendor enciclopédico, o que a leva, entre outros factores, precisamente, a integrar discursos de diversos tipos. Por outro lado, a inserção numa estrutura geográfica, temporal e dinasticamente bem situada, diminui um pouco o tom de abstracção que pende sobre os *specula* que circulavam de forma autónoma, mesmo quando dedicados a alguém em particular. Nos textos inseridos no discurso historiográfico, além do enunciado normativo, dirigido a uma figura determinada, temos ainda, com alguma frequência, os retratos específicos dessas personagens e a narrativa dos seus actos e gestos.

Face a esta coexistência de informações, de origens diversas, podemos perguntar-nos até que ponto, não tanto as extensas narrativas de acções e de atitudes, mas as descrições sumárias que ocorrem a propósito de algumas personagens, veiculadas pelas mesmas crónicas, espelham ou não, ou, pelo menos, se se articulam ou não com os modelos apresentados.

A comparação entre os excertos normativos e as descrições sumárias de personagens não aponta para qualquer particular filiação ou influência mútua, nomeadamente, ao nível de referências explícitas. No entanto, é possível encontrar, pelo menos, um retrato onde se verifica uma certa coincidência temática que será de assinalar, tanto mais quanto se refere a Afonso VI, logo, um dos destinatários dos conselhos do seu pai, Fernando I:

vna meaja luego otro día se apartarán e se alongarán de ti más que vna brazada. E por ende, mi fijo, ten siempre justiça e ámala, e así avrás a Dios e a las gentes.” (Cr20R: 260b). Para esta passagem, a *Crónica de Veinte Reyes* é ainda testemunha da “versão crítica” segundo Inés Fernández Ordóñez, *op. cit.* (2000), p. 233.

⁸ Ver os artigos de Hugo O. Bizzarri, “Notas para la edición de un Regimiento de Príncipes”, <http://parnaseo.uv.es/Memorabilia/M4/Bizzarri3.htm> e “El concepto de ciencia política en don Juan Manuel”, *Revista de Literatura Medieval*, XIII/1, 2001, pp. 59-77.

E este rey dom Afonso foy muy bõ rey e manteve bẽ os reynos e muy sesudamente, assi que todollos altos homẽes e ainda os outros do seu senhorio vyvã tanto ẽ paz que nẽ hũu nõ tomava armas cõtra ho outro. Ca el rei era mui bravo e justicozo, em tal guisa que nẽ hũu nõ acharia quem lhe fizesse nojo. E, em quanto el rei dom Afonso reynou, nõca os do seu senhorio ouverom de fazer servidõ a homẽ do mundo. E este foy consollador de lagrimas e acrescentador da sancta fe catholica e todos foron delle cõssollados ataa que morreo. E amava muito Deus e por esto acabava todollos feitos que começava. (1344b: III, 409)

À semelhança do verificado para as recomendações do conde D. Henrique ao seu filho, esta descrição já se encontra na *Crónica de Veinte Reyes*⁹ que, segundo Inés Fernández-Ordóñez, é aqui ainda representante da “versão crítica” da *Estoria de Espanna*, integrando-se na última secção identificada como tal (o que não deixa de ser curioso: verificar que as duas ocorrências apontadas que surgem em textos tidos como mais antigos têm lugar, precisamente, em momentos cuja identificação terá sido mais difícil)¹⁰.

A *Tradução Galega* (cap. 254, p. 405) apresenta um retrato semelhante ao da segunda redacção da crónica portuguesa e o texto editado como *Primera Crónica General de España* que, para este trecho, segue a “versão amplificada de 1289”¹¹, oferece uma descrição ainda mais completa:

Este rey don Alfonso fue consolador et conortador de los llorosos, acrecentador de la fe, padre et defendedor de las iglesias, esfuerço de sus pueblos, defendimiento sin miedo, fortaleza sin temor, cobertura et manto de pobres, esfuerço de los grandes omnes. En Espanna non ouo qui de crebando de moros tolliesse nin conortasse a los pueblos fasta que este rey don Alfonso ueno. Este rey don Alfonso tenie por mal de tenerse ell omne uicioso et traerse a solaz de si, mas preciaua por lidiar et auie sabor en ello; et quando non lidiaua, tenie que perdie su

⁹ “Este rrey don Alfonso [Afonso VI] mantou su rreyno tan bien e tan sabiamente que todos quantos y eran, asy rricos omnes commo caualleros, commo todos los otros pueblos que eran en su tierra, todos veúan en paz e en folgura, en guisa que ninguno non osaua solamente tomar arma contra otro, nin boluer pelea nin fazer otro mal. Él fue mucho ardit e mucho esfforçado en armas, e sy era noble e alto de linaje e de poder mucho más noble era de coraçón e de maneras e de fechos; en los sus días tanto avondó en justicia en su tierra que sy vna muger sola leuase por todo el rreyno oro o plata, asy por yermo commo poblado, non fallaría ninguno quel quisiese pesar nin ge lo dezían, ca tan espantoso era él a los malos que ninguno non osaua yr antél. Demientra quel fue biuo nunca los de su tierra ovieron a fazer servidumbre a otro señor ninguno. Él fue consolador de los que llorauan e acrecentamiento de fe, padre e defendedor de las iglesias e de los monesterios, e esffuerço de los pueblos, garnimiento syn pavor, fortaleza syn themor, cubrimiento de pobres, esffuerço de rricos homnes; él despreçiaua su jornal e preçiaua por lidiar e avía sabor en ello, e quando non lidiaua tenía que su tiempo era perdido; él fue rrey de grant coraçón, e aviendo en Dios sienpre fiuzia ganó la su gracia e ensalçol sobre todos sus enemigos. Refizo las iglesias e los monasterios [...] e fue rrey conplido de todos bienes.” (Cr20R: 201b).

¹⁰ Inés Fernández-Ordóñez, *op. cit.* (2000), p. 233 indica como testemunhos da “versão crítica”, para a história dos reis de Castela e Leão, de Fernando I até ao fim do reinado de Fernando II (cf. cap. 802 a 996 da PCG), o ms.Ss e a família de mss. conhecida como *Crónica de Veinte Reyes*. De notar ainda que esta é a última secção da “versão crítica” para a qual são indicados os manuscritos representantes, apesar de eventuais maiores dificuldades de identificação (cf. Inés Fernández-Ordóñez, *op. cit.* (1993), p. 328).

¹¹ De acordo com Inés Fernández-Ordóñez, *op. cit.* (2000), p. 243, o cap. 846, onde se encontra o retrato referido, integra os fls. 82-198, compostos por um ms. do séc. XIII (texto original da “versão amplificada de 1289”).

tiempo. Rey fue de grand coraçon; et poniendo en Dios la su fiuza, gano la su gracia, et alçol ell sobre sus enemigos, moros et cristianos. Refizo las çibdades, alço lo derribado et enfortaleciolo para los cristianos contra los moros. Complido fue de muchos bienes este rey. Refizo et fizo las puentes que a de Logronno fasta Sant Yague, et fizo de nueuo otrosi las que menguauan y o mester eran. Et seyendo el bueno et uerdadero, nunca se le oluido la postura que fiziera con Almemon rey de Toledo et con su fijo, et siempre los ayudo mientre uisquieron en las cosas que ouieron mester. (PCG: II, 520a-b)

Porém, o mesmo tipo de ligação já não se consegue estabelecer com os restantes destinatários dos conselhos veiculados na segunda redacção da *Crónica de 1344*. Sancho II, por exemplo, é objecto de retratos bastante resumidos¹², quase o mesmo se verificando com Afonso Henriques, sucintamente apresentado¹³.

No que se refere à generalidade dos retratos presentes nas crónicas estudadas, é inevitável verificar que se articulam com os *specula*, mas só na medida em que o sistema de valores se mantém inalterado, tanto no que se refere às qualidades exaltadas, como aos defeitos criticados.

Em termos genéricos, os conselhos veiculados nos “espelinhos” sublinham as qualidades de relacionamento entre o soberano e os vários estratos sociais do reino, em particular, no que respeita à equidade na aplicação da justiça e à distribuição de pagamentos e honras. Mostram ainda alguma preocupação com a necessidade de afastar homens vis e de baixa condição que fomentem a discórdia e aconselhem tiranias. O mesmo se verifica com as qualidades guerreiras (capacidade para conquistar e aumentar o território herdado), bem como com as qualidades intrínsecas, culturais e religiosas, tais como a nobreza de coração, a liberalidade ou a temperança a par do esforço por se ser sabedor e um católico fiel e obediente.

Estas questões coadunam-se com a sua maior inserção e amplificação, precisamente, em obras mais tardias como a *Crónica de 1344*. Por um lado, ao acentuar-se como um “manual de bons exemplos”, o texto português participa na tendência geral da preocupação em produzir literatura moralmente proveitosa. Por outro lado, a maneira como são sublinhadas e defendidas questões de relacionamento entre os soberanos e os seus súbditos, ajusta-se à ideologia pró-senhorial que marca esta historiografia mais tardia. Contrariamente aos ideais de centralização régia defendidos por Afonso X, esta cronística posterior apresenta,

¹² Sancho II, de acordo com a Cr20R, lv. IX, cap. XIII, p. 187a): “E cuenta la estoria que era omne muy fermoso e cauallero mucho esforçado.”, sendo semelhante o texto da PCG: II, 505a - cap 828. A Trad Gall, cap. 228, p. 373, por seu turno, refere: “Et elle era muy fremoso caualeyro et muy esforçado; et cristiãos et mouros todos tomauã delle espanto que llj vijam fazer, ca ãjnã que se lle nõ terria nõ hũa cousa per força que quisese tomar.”, sendo semelhante o texto da 1344b, III, 374 - cap. CDXCII.

¹³ Afonso Henriques, de acordo com a Cr20R, p. 263a - cap. X, livro XII, é referido nos seguintes termos: “Este rrey don Afonso fue muy bueno e mucho esfforçado en armas e ouo muchas faziendas e muchas batallas com moros e vençiólas, e ganó mucho dellos. Este fue llamado primeramente rrey de Portugal, ca su padre fuera conde e él fasta que començó a rreynar era llamado duque”. Na 1344b: IV, 234, o rei português é apresentado da seguinte forma: “Este rey dom Affonso [Henriques], ã sua mancebia, foi muy bravo e esquivo. Mas despois foy muy manso e mesurado e boo cristãao e fez muyto serviço a Deus. E este era o mais esfforçado cavalleiro assi em armas como en força que avya en Espanha nõ de que os mouros mayor medo avyam.”.

inclusivamente, situações de aviso relativamente a eventuais excessos dos soberanos, mesmo quando os desculpa com o *topos* do mau aconselhamento¹⁴.

As descrições sumárias, por seu turno, estão presentes já desde os textos afonsinos mais antigos¹⁵ e enquadram-se na tradição do retrato, estruturada e teorizada, desde a Antiguidade, na *Retórica* de Aristóteles, na *Rhetorica ad Herennium* ou no *De Inventione*, de Cícero, entre outros, no âmbito do tratamento de questões como o louvor e o vitupério no género epidíctico ou os atributos do homem. Dos autores Antigos conhecidos na Idade Média¹⁶, os preceitos sobre como elaborar um retrato transitaram para as Artes poéticas, nomeadamente, no quadro de um dos procedimentos da *amplificatio*, a descrição¹⁷. Além de listagens de temas a abordar para um retrato perfeito (como fornece, por exemplo, Cícero, no *De Inventione* I, xxiv-xxv)¹⁸, as Artes apresentam, com alguma frequência, múltiplos

¹⁴ Sobre a questão do mau aconselhamento ver Isabel de Barros Dias, “On royal Infallibility”, *Portuguese Studies*, 15, 1999, pp. 42-51 ou *idem*, *Metamorfoses de Babel. A historiografia ibérica (séc. XIII-XIV): Construções e estratégias textuais*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia – Ministério da Ciência e do Ensino Superior, 2003 em particular II Parte - 1.

¹⁵ Sobre a presença de procedimentos e características patentes nos textos elaborados no *scriptorium* afonsino e que demonstram conhecimentos de preceitos retóricos, tanto na prática, como em diversas alusões teóricas ver Ann Garrison Moncayo, *The Use of Rhetoric in Biographical Portraits of the Twelve Roman Emperors in Alfonso the X's Primera Crónica General*, (The University of Michigan, Ph.D., 1993) UMI – Dissertation Information Service 1996. A autora considera que os retratos dos imperadores romanos, na *Estoria de Espanna* foram construídos segundo as técnicas retóricas para a composição de retratos humanos (cf. *topoi* dos “atributos do homem”), defendendo o conhecimento de Suetónio (via Vicente de Beauvais) pelos redatores da historiografia afonsina que, por sua vez, manipularam e adaptaram os textos (chegando mesmo a preterir o modelo usado) aos seus interesses e ideais.

¹⁶ Sobre este assunto, ver Charles Faulhaber, *Latin Rhetorical Theory in Thirteenth and Fourteenth Century Castille*, Berkeley, Los Angeles, London, University of California Press, *idem*, “Las retóricas hispanolatinas medievales (s. XIII-XV)”, *Repertorio de Historia de las Ciencias Eclesiásticas en España*, 7, Salamanca, Instituto de Historia de la Teología Española, 1979, pp. 11-65 ou ainda *idem*, “Retóricas clásicas y medievales en bibliotecas castellanas”, *Ábaco*, 4, 1972, pp. 151-300, onde salienta: “En primer lugar, podemos desechar las *artes poetria*e como influencia importante en Castilla durante la Edad Media. En cambio, para el siglo XIII debemos investigar, sobre todo, la preponderancia de la *Rhetorica ad C. Herennium* y el *De inventione*. También sobressale, en la segunda mitad del siglo, el *ars dictandi*, el cual parece dominar durante el siglo XIV; pero debe investigarse la posibilidad de que Aristóteles haya influido en las obras escritas a finales del XIII y principios del XIV. La literatura del siglo XV será, según este esquema, de signo exclusivamente ciceroniano” (p. 159). A influência dominante do *De Inventione* de Cícero e da *Rhetorica ad C. Herennium*, atribuída igualmente a Cícero (*Rhetorica vetus e nova* ou *rhetorica prima e secunda*), em detrimento de outros tratados, é manifesta, nomeadamente, nos manuscritos sobreviventes em bibliotecas actuais, verificando-se mesmo exemplares do *De inventione* do séc. XI-XII. A tradução espanhola desta obra foi editada por Rosalba Mascagna: Alfonso de Cartagena, *La retorica de M. Tullio Ciceron*, Napoli, Liguori, 1969.

¹⁷ Sobre este assunto ver Edmond Faral, *Les Arts Poétiques du XIIIe et du XIIIe siècle*, Genève / Paris, Slatkine / Champion, 1982, pp. 75-84.

¹⁸ “Ac personis has res attributas putamus: nomen, naturam, victum, fortunam, habitum, affectionem, studia, consilia, facta, casus, orationes” Cícero, “De Inventione”, *De Inventione, De optimo genere oratorum, Topica*, Cambridge / London, Harvard University Press, 1960, pp. 1-346 (ed. com trad. inglesa de H. M. Hubbell) – p. 70, seguindo o autor com a explicação do que entende pelos itens enumerados: nome, natureza (sexo, raça, local de nascimento, família, idade...), tipo de

exemplos de descrições, tanto modelos como anti-modelos, para diversos tipos, sexos, idades, condições sociais...

Algumas das descrições da cronística afonsina, em particular na secção da história de Roma, deixam adivinhar os modelos retóricos do retrato que lhes estão subjacentes¹⁹:

E segund cuenta en el primer libro en que fabla de los doze Cesares, era Julio Cesar alto de cuerpo, e era blanco de color en todos los miembros del cuerpo, e auie la boca un poco ancha de quanto conuinie, e era bien andante en ueuir siempre muy sano, sinon tanto que a las uezes falleciel a soora el coraçon, et auie por costumbre de se espantar entre suennos muchas uezes; e era caluo de fea guisa, et prouara muchas uezes de comol escarnecien los omnes dello en sus iuegos, et por esto auie costumbrado de traer com la mano todauia los cabellos de tras a la fuente. Era omne que beuie muy poco uino, et esto no lo dizien sus amigos tan solamiente, mas sus enemigos lo otorgauan. Otrossi en comer era tan comunal que se pagaua de comer quequier quel auiniesse; [...]. Era omne bien razonado a grand marauilla, assi que a los que fueron muy loados de bien fablar en el su tiempo et ante dell, o se les egualo o los uencio a todos; e fizo de sus cosas et de sus fechos libros muy buenos, [...]. Muy sabio fue Julio Cesar en fecho de armas et de caualgar, e sofridor de lazerio mas que omne non podrie creer [...] (PCG: I, 92b-93a)

E sabet que fue Gayo [Calígula] omne muy grand de cuerpo, et de color amariello; pero el cuerpo era feo, e auie la ceruiz et las piernas muy delgadas, e las quexadas et los oios encouados, e la fuente ancha et toruada, el cauello auie ralo, et en somo de la cabeça no auie ninguno, et esso que auie, era todo espeluzrado; e por ende por o el passaua no era ninguno osado de lo catar de parte dessuso, ni de nombrar cabra por ninguna manera, sino morrie por ello. E la cara auie por natura espantosa et oscura, et faziela aun mas por maestria, ca se cataua en ell espeio et punnaua de la componer de gestos much espantosos. No era ualiente de cuerpo ni de coraçon; despertauasse much a menudo quando durmie, assi que el su dormir numqua era mas que tres oras de la noche, et con enoio de yacer andaua por los portales llamando al dia. No andaua uestido a costumbre de Roma ni a manera de omne, ni calçado otrossi; ca traye unas uestiduras pintadas, todas cubiertas de piedras preciosas, et los dedos llenos de aniellos, et las monnecas darmellas doro; et assi andaua a las uezes ante toda la yente; otras uegadas todo sirgado et en quecos de mugieres. Era muy sabidor en las artes et muy bien razonado a marauilla; auie grand sabor de cantar et de sotar, assi que quando los juglares cantauan o remedauan en los teatros, enfinniendosse que los castigaua et los ensennaua, fazie muy de grado ante todos los gestos que ellos auien de fazer. (PCG: I, 116a)

Muitos outros retratos, porém, apesar de seguirem a mesma linha, estão longe de cumprir, exaustivamente, os preceitos teóricos, limitando-se, regra geral, a acentuar, em breves pinceladas, de dimensão variável, casuisticamente, algumas características específicas, físicas, morais, linhagísticas, comportamentais, psicológicas...

vida (percurso de vida, ocupações, amigos...), fortuna (escravo ou livre, rico ou pobre, posição, família...), hábitos (se por trabalho ou estudo conseguiu algo de extraordinário), sentimentos (alegrias, fraquezas...), interesses intelectuais, intenções (para fazer algo), feitos / factos (o que fez), acontecimentos acidentais (o que lhe aconteceu) e discursos (o que disse).

¹⁹ Além dos exemplos citados, é possível referir vários outros exemplos de retratos de Imperadores romanos, caso, por exemplo, de Tibério (PCG: I, 112a), Cláudio (PCG: I, 119b), Nero (PCG: I, 121b-122a), Otão (PCG: I, 129b-130a) ou Domiciano (PCG: I, 140a).

E fue Nerua omne personado et much apuesto, maguer uieio, et muy bueno, et muy manso et piadoso a todos; e tanto que regno, torno por sentencia, que enuio escripta por tod el mundo, todos quantos Domiciano desterrara a sus tierras et a sus logares, et fizo les cobrar todo lo suyo (PCG: I, 141b)

É precisamente este modelo mais curto o que predominará nos retratos que, em menor densidade, nos surgem para as figuras de épocas menos recuadas, raramente tocando todas as categorias, mas não deixando de sublinhar o que a tradição vinha fixando como mais saliente para cada personagem, abandonando um pouco as particularidades físicas, para acentuar outro tipo de características:

Este rey Sigerico era comunal de grandez et de grand coraçon et no muy fablador ni amador de muchas mugieres, era toruado en la sanna, cobdicioso de auer, muy sabio pora aleuantar las yentes et mouer contiendas et mezclar malquerencias, et coxcaua de cayuda dun cauallo. E auie muchos hijos, (PCG: I, 233a)

Alçaron los godos a Bamba por rey, que era omne fidalgo et del meior linaje de los godos que otro ninguno que y fuesse, et era buen cauallero darmas et manso et de paz; et aun ante que fuesse alçado rey era mucho onrrado, (PCG: I, 283a)

Este rey Rodrigo era muy fuert omne en batallas et muy desembargado en las faziendas, mas de mannas semeiauase bien com Vitiza. (PCG: I, 307a)

E el rrey don Ordoño salió ome de buen seso e de buen rrecabdo e mucho esforçado en armas, e sabíese muy bien avenir con todos sus vasallos, e era mucho amado de toda la gente por ende. E luego en comienço de su rreyno ouo contienda con su hermano don Sancho, el que el rrey don Ramiro, su padre, ouiera con doña Teresa, (Cr20R: 87a)

Este Abderramén era llamado commo por escarnio Sanchuelo, e era omne malo e muy trauiese e non se trabaiaua de otra cosa tanto commo de pleito de mugeres e de vino, en guisa que era muy luxurioso e muy beudo e trabaiaúase quanto él más podía en echar a Ysén del reino, (Cr20R: 133b)

Relativamente à segunda redacção da *Crónica de 1344*, haverá que salientar, meramente, o facto de aqui se verificar a preocupação em fornecer o retrato (mesmo se breve) de todos os reis portugueses (o que não acontece com os soberanos de outros reinos)²⁰.

²⁰ Com efeito, além de Afonso Henriques (cujo retrato já foi referido na nota 13), encontramos igualmente referências a Sancho I (“E este foy muy boo rey e pobrou muyta terra e foi chamado dō Sancho, o lavrador, e esto porque lavrou muytos castellos e pobrou muytas villas e fez muyto bem. E este rey foi casado cō [...]” - 1344b: IV, 237), Afonso II (“Alçarom por rey dō Affonso, seu filho, e este foy muy boo cristãao logo no começo, mas despois nō foy tam boo. E este casou [...]” - 1344b:IV, 238), Sancho II (“regnou seu filho dom Sancho, o que chamarō Capello. E este en começo de seu regnado, começou de seer muy boo rey. Mas ouve maaos conselheiros e leyxou de fazer justiça, en tal guisa que desperecia a terra e hia todo ã perdiçom, ca roubavã os caminhos e faziã todo dâpno na terra e elle nō tornava a ello nē hũa cousa.” - 1344b:IV, 238), Afonso III (“E foy muy bõo e muy justiçaoso e corregeo toda a terra que stava muy danyficada do tempo de seu irmãoo. E este fez muytas pobraçoões e levãtou muytos castelos e cercou muytas villas. Este pobrou Beja que stava herma e fez Estremoz e lavrou muy bem. E este rey tomou Faarõ aos mouros e outros logares no Algarve.” -

Mantendo-se o sistema de valores com base no qual se faz a crítica ou o elogio de características ou de atitudes, podemos concluir que, mesmo se decorrendo, na sua grande maioria, de linhas diferentes, tanto os “espelinhos” como os retratos concorrem para o mesmo fim. Com efeito, a integração dos pequenos *specula principorum* nas crónicas é absolutamente coerente com a dimensão didáctica destes textos. Deste modo, são reiteradas, de forma normativa, séries de regras pelas quais o bom governante se deve nortear na sua interacção com o corpo social do reino. Por outro lado, nos retratos, podemos verificar a existência ou não dessas qualidades em cada caso concreto.

Para completar os preceitos teóricos e os retratos, há ainda que aduzir um terceiro elemento que, de certo modo, poderá constituir uma ponte entre as duas formas anteriores. Referimo-nos aos *exempla*, também absorvidos pela historiografia e que, apesar de serem aplicados a figuras concretas, apontam para qualidades absolutas, baseando-se o seu sucesso, sobretudo, no facto da argumentação por analogia ser uma ferramenta retórica que promove uma grande eficácia discursiva²¹. Ao apresentarem casos específicos, os *exempla* conseguem dar uma forma concreta àquelas qualidades mestras que os *specula* apresentam de modo teórico. Desta forma, os *exempla* conseguem veicular o mesmo só que de uma maneira consideravelmente menos normativa e mais atraente.

Por isso, o tom exemplar desta historiografia só ganhou com a inclusão deste tipo de narrativa que, por seu turno, se caracteriza, em grande parte, por uma boa capacidade de metamorfose, adaptando-se às necessidades argumentativas de diferentes formas textuais que, por esta razão, puderam, mais facilmente integrá-los²². Nas crónicas aqui aduzidas

1344b: IV, 242), D. Dinis (“E este foy o melhor rey e mais justioso nen mais honrrado que ouve em Portugal des o tempo del rey dō Affonso, o primeiro, ataa o seu tempo [...]. E este rey foy o mais dereito en justiça tēperada cō piedade que ouve ã Espanha. E este foy muy boo cristãao e fez muyto bem aas ordões e acrescentou aos filhos d’algo nas cōtias e terras que delle tiinham. E este ouve muytos mais vassallos que os outros reys que ante elle foram.

Este pobrou muytos logares e villas en Portugal e outras cercou muy bem. [...] e outras muytas benfeitorias que fez.

E este rey dom Denys casou com [...] e ouve ã ella [...]” - 1344b: IV, 243), até, finalmente, D. Afonso IV (“Dom Affonso e foy muy boo rey e de grande regimēto e justiça.” - 1344b: IV, 260).

²¹ “Les historiettes ainsi transmises et constituées comme *exempla* appartiennent en gros à deux types différents.

Le premier use la métaphore, et rapproche donc le plus l’*exemplum* de la fable ou de la *similitudo*. [...]

Les autres *exempla* sont des types métonymiques, et ce sont les plus nombreux: ici, le cas particulier vaut pour le tout, la mésaventure d’un seul avare illustre la menace qui pèse sur tous les hommes cupides.” Jean-Claude Schmitt, *op. cit.*, (1985), pp. 21-22.

No que respeita à eficácia do carácter persuasivo dos *exempla* ver Jacques Berlioz, “Le récit efficace: l’*exemplum* au service de la prédication (XIIIe-XVe siècles)”, *Mélanges de l’École Française de Rome* (Jacques Berlioz e Jean-Michel David (eds.), *Rhétorique et histoire. L’*exemplum* et le modèle de comportement dans le discours antique et médiéval*), tomo 92, 1980, pp. 113-146 que aponta um conjunto de características marcantes deste tipo de narrativa. Saliente-se ainda como a argumentação, apoiada em exemplos, é sublinhada e teorizada já por Aristóteles, na sua *Retórica*, (Lisboa, IN-CM, 1998, ed. de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena), nomeadamente lv. I, 2 ou lv. II, 18-20.

²² Assim se explica também o seu uso intensivo na prédica (mormente dos mendicantes), podendo inclusivamente ser vistos como um dos primeiros fenómenos culturais de massas. Esta noção é defendida, nomeadamente, por Jean-Claude Schmitt, *Prêcher d’*Exemples*. Récits de prédicateurs du Moyen Age*, Paris, Stock, 1985, pp. 9-24. Para algumas reflexões sobre a difusão e circulação deste

encontramos diversos *exempla*, de extensão variável, frequentemente ligados a biografias ou a retratos, que completam²³:

A sus amigos otrosi era muy plazentero et muy piadoso, de manera que cuentan las estorias dell que una uez andando por un monte teniel companna un su amigo que auie nombre Gayo Opimio, et adolecio a soora aquel su amigo, et finco y luego Julio Cesar con ell; et como era yermo aquel lugar, non auie y si non un lugar solo en que podie yazer un omne encubierto; e como quier que Julio Cesar era sennor, dexo aquel lugar a Gayo Opimio, et el yogo en tierra all ayre descubierto. (PCG: I, 93b-94a)

En aquel tiempo fue otrosi Lucillio un orebze muy sabio en su arte et muy sutil a grand marauilla, et ando tanto prouando las naturas de las cosas, que lauro el uidrio a martiello, assi cuemo se laura la plata o qualquiere otro metal, et fizo ende un uaso muy fremoso et muy sutil, et leuolo all emperador Tiberio cuydando quel farie grand algo por tan noble arte cuemo sabie. Mas cuemo era Tiberio muy cobdicioso et auie llegado muy grand tesoro, asmo entressi mismo que si aquel metal tan noble et tan estranno aproueciesse por el mundo, no ualdrie nada el su oro ni su plata, et perder sie por esta razon el su grand tesoro; e por ende llamo aquel maestro, et preguntol si fiziera numqua otro uaso tal cuemo aquel, o si sabie en el mundo otro maestro que sopiesse aquella obra; et el dixol que no. Entonce Tiberio mandol que desfizies el uason et que lo fundiesse, et desi fizo matar el maestro. (PCG: I, 112b)

Os exemplos não se ficam, obviamente, pela história do passado mais remoto, ilustrando também momentos posteriores, como o caso seguinte, que sublinha a liberalidade de Fernando I:

Et estando una uez a la mesa, diol ell abbat con su mano un uaso de uidrio, et cayo de la mano del rey, et crebo; et al rey pesol ende, et mando adozir luego una copa de oro con piedras preciosas engastonadas en ella, et diola al abbat por enterga del uaso de uidrio que quebrantara por su culpa. (PCG: II, 492a)

A historiografia era vista como literatura proveitosa uma vez que se considerava que a leitura / audição de narrativas sobre os feitos louváveis do passado inspirariam gloriosos feitos futuros e, ao mesmo tempo, educariam as novas gerações nos valores tidos como positivos. Assim, da articulação entre textos mais normativos (*specula*) com modelos de conduta (os *exempla*, textos quase anedóticos bem situados no tempo e no espaço mas veiculando valores universais) e, finalmente, com retratos concretos (onde se valorizam as

tipo de literatura, ver também Bronislaw Geremek, “L’*exemplum* et la circulation de la culture au moyen âge”, *Mélanges de l’École Française de Rome* (Jacques Berlioz e Jean-Michel David (eds.), *Rhétorique et histoire. L’*exemplum* et le modèle de comportement dans le discours antique et médiéval*), tomo 92, 1980, pp. 154-179.

²³ Sobre a inclusão de *exempla* nesta historiografia, ver o artigo de Reinaldo Ayerbe-Chaux, “El uso de “*exempla*” en la *Estoria de España* de Alfonso X”, *La Corónica*, 7 (1), 1978, pp. 28-33 que defende uma maior laicização e uma menor densidade de *exempla*, na *Estoria de España*, relativamente às fontes usadas, em particular o *Speculum historiale* de Vicente de Beauvais (p. 29). Refere ainda uma fecunda circulação entre a historiografia e os *exempla*: “los relatos que se sacaban de la historiografía para convertirse en *exempla* retornan ejemplificados a la historia y, en algunos casos, llega a plagarse ésta de ejemplos pseudohistóricos.” (p. 28).

qualidades e se criticam os defeitos de figuras específicas), esta historiografia, além de descrever e ilustrar o passado, está, de facto, a reiterar, sistematicamente, o mesmo, se bem que de forma diferente, assumindo, em pleno, a sua função didáctica, preconizada desde o Prólogo:

Mas por que los estudios de los fechos de los omnes se demudan en muchas guisas, fueron sobresto apercebudos los sabios ancianos, et escriuieron los fechos tan bien de los locos cuemo de los sabios, et otrossi daquellos que fueron fieles en la ley de Dios et de los que no, et las leys de los sanctuarios et las de los pueblos, et los derechos de las clerezias et de los legos; et escriuieron otrossi las gestas de los principes, tan bien de los que fizieron mal cuemo de los que fizieron bien, por que los que despues uiniessen por los fechos de los buenos punnassen en fazer bien, et por los de los malos que se castigassen de fazer mal, et por esto fue endereçado el curso del mundo de cada una cosa en su orden. (PCG: I, 3b)

Ou seja, graças ao uso sistemático destes paralelos metafóricos, com textos que vêm de linhas diferentes, mas que concorrem para veicular noções idênticas, são construídos discursos profundamente didácticos, muito eficientes, eticamente intervenientes e, indiscutivelmente, virados para o futuro.